

## **A IMORTALIDADE VENDIDA EM FRASCOS: REPRESENTAÇÕES DA MORTE NA CRÔNICA MACHADIANA**

Thaís Bartolomeu Barcellos  
Mestrado/UFF

Orientadora: Claudete Daflon dos Santos

O presente artigo tem como objetivo apresentar o meu projeto de pesquisa de dissertação de mestrado, que tem como tema a representação da morte nas crônicas de Machado de Assis. Procuo a partir dela demonstrar como essa representação se relaciona com a visão cética do autor em relação aos estatutos científicos que estavam sendo amplamente divulgados e aceitos no final do século XIX em diversos países e inclusive no Brasil.

A ideia para que se desenvolvesse tal pesquisa surgiu durante leituras e discussões feitas durante o curso "Literatura e conhecimento no Brasil" ministrado no Programa de Pós-graduação da UFF pela professora Claudete Daflon, hoje minha orientadora, no segundo semestre letivo de 2013. Após uma análise da novela *O Alienista* feita no curso, interessei-me em pesquisar mais profundamente sobre este posicionamento crítico de Machado de Assis, autor cuja obra já despertava em mim especial interesse desde os tempos de escola, em relação a ciência uma vez que Machado foi voz dissonante em meio ao Naturalismo, não trazendo para o seu fazer literário os preceitos científicos e ainda questionando muitos deles em sua obra.

Pesquisando por textos machadianos em que a crítica à ciência estivesse presente, encontrei diversas crônicas publicadas nos últimos anos do século XIX e percebi que em muitas delas a morte era um tema presente. A morte sempre foi para mim, desde a graduação ou até mesmo antes, interessante tema a ser estudado na literatura, o que me motivou ainda mais a mergulhar em sua representação dentro da obra machadiana. Surgiu então para mim o questionamento de como essa figura da morte em alguma medida poderia ter sido usada por Machado como um instrumento para se questionar o papel quase supremo e infalível que era comumente atribuído à ciência naquela época.

Além de ser a morte um tema sempre atual por ser intrínseco à condição humana, encontrá-la em contraponto à ciência nas crônicas de Machado, um dos gêneros em que ele produziu abundantemente, mas que ainda pouco se estuda, abriu para mim um novo caminho de pesquisa em sua obra.

Ao ingressar meus estudos no mestrado no primeiro semestre letivo de 2014, estabeleci, junto com minha orientadora, como primeira etapa de trabalho a definição do recorte de tempo e de *corpus* possíveis de serem analisados na pesquisa. Delimitei, finalmente, como período histórico a ser trabalhado as duas últimas décadas do século XIX. Terei como *corpus* da pesquisa, portanto, apenas crônicas publicadas por Machado entre 1880 e 1900.

A escolha do período histórico justifica-se porque acredito haver de fato um amadurecimento na obra machadiana a partir da publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em 1881, quando a morte passa a figurar constantemente como lugar de reflexão em sua obra. Dediquei-me, assim, a pesquisar apenas as crônicas publicadas a partir desta década, limitando-me ao último ano do século XIX, pois constatei que foi nesse período que Machado de Assis se posicionou mais criticamente em relação a ciência usando o tema da morte para confrontá-la em suas crônicas. A partir do século XX, já mais velho e talvez sentindo-se mais próximo de sua própria morte, fala dela em um tom bastante melancólico e já não a utiliza como esse elemento questionador e limitador das verdades científicas.

Durante o período estudado, Machado foi cronista do jornal *Gazeta de Notícias*, escrevendo semanalmente nas colunas *Balas de Estalo* de 1882 à 1888, *Bons Dias!* de 1888 à 1889 e *A Semana* de 1889 à 1900. Este periódico lançado no Rio de Janeiro em 1875 teve grande contribuição para a expansão do público leitor carioca.

A esse respeito Clara Miguel Asperti nos diz:

Nos anos iniciais o jornal ainda apresentava de maneira simplória as suas minguadas quatro páginas, responsáveis por abarcar as oito colunas estreitas de seu corpo; porém, inovou ao ser vendido diariamente de modo avulso através de garotos-jornaleiros, ao passo que outros jornais rivais só efetuavam vendas por assinatura. A iniciativa da *Gazeta de Notícias*, ao mesmo tempo em que fez com que suas vendas fossem expressivas, também lhe possibilitou a fama de jornal popular ao alcance das massas. (ASPERTI, 2006: 49)

Tais características deste jornal em que Machado de Assis por tanto tempo foi colaborador, só reforçaram a relevância que desde o início da pesquisa conferi ao gênero da crônica. A *Gazeta de Notícias* era um jornal popular e acessível em que, além de notícias nacionais e internacionais, também publicavam-se artigos a respeito das novas descobertas da ciência, especialmente na área médica, e ainda folhetins e crônicas. O meio de publicação do meu objeto de estudo é, portanto, heterogêneo. Muitas vezes figuravam na mesma edição textos de elogio à ciência e uma crônica machadiana a repudiando.

Neste período de quase 20 anos, Machado publicou mais de 300 crônicas. Coube a mim, portanto, selecionar dentre todas elas, aquelas em que o tema da morte estivesse presente em confronto com o poder científico. Em um primeiro momento, cheguei ao número de 39 crônicas, no atual estágio da pesquisa o meu *corpus* de trabalho se compõe de 25 crônicas que ainda passarão novo crivo antes do início da fase de redação dos capítulos.

Os teóricos que tem guiado minha análise a respeito da representação da morte são Paul Landsberg, por meio de seu *Ensaio da Experiência da Morte* e Phillippe Ariés em *A História da Morte no Ocidente*. Quanto a presença da ciência no contexto de meados do século XIX iluminam a minha leitura Michael Foucault com *A História da Clínica* e Pascal Nouvel com *Filosofia das Ciências*.

Para exemplificar das questões que pretendo tratar em minha dissertação, analisarei aqui brevemente uma crônica publicada por Machado de Assis na *Gazeta de Notícias* em 6 de fevereiro de 1889 na coluna *Bons Dias!*.

Machado de Assis inicia esta crônica agradecendo a providência divina o fato de ter chovido. Em um primeiro momento, essa pode parecer uma observação banal, mas o próprio autor ressalta que não se alegra pelo fato ter chovido em si, mas porque isso, como veremos, serviu de demonstração da ineficácia da ciência em prever tudo.

Deus seja louvado! Choveu... (...) Já se pode entrar num bonde, numa loja ou numa casa, bradar contra o calor e suspirar pela chuva, sem ouvir este badalo:  
— A folhinha de Ayer dá chuva para 20 de fevereiro.  
(ASSIS, 1997: 48)

A 'folhinha de Ayer' que menciona logo nas linhas iniciais da crônica, trata-se de um almanaque (Fig. 1 e Fig. 2) que foi desenvolvido pelo químico americano James

Cook Ayer em meados do século XIX e que se tornou popular em todo mundo. Tal almanaque continha tanto previsões astrológicas quanto climáticas, as fases da lua mês a mês e diversas dicas de saúde, a maioria delas recomendando o consumo de remédios da própria Companhia Ayer.

Ayer morreu em 1878, mas seus sócios da Companhia Ayer deram continuidade aos remédios e seus almanaques que, como vemos, ainda eram bem populares mesmo uma década depois de sua morte.

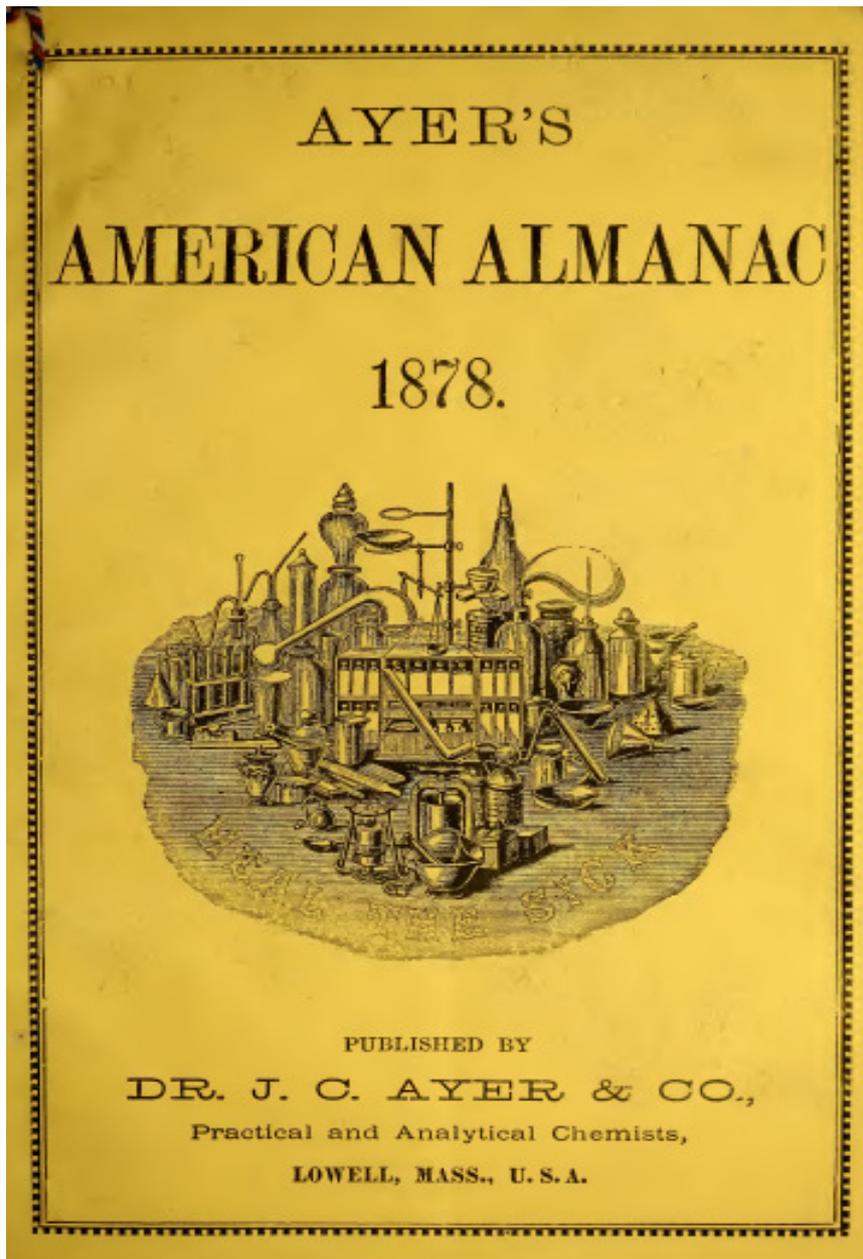


Figura 1: Capa do almanaque de 1878.

First Month.		JANUARY, 1878.										31 Days.								
MOON'S PHASES.										CALENDAR			CALENDAR							
NEW YORK.					RICHMOND.					For N. York City, Conn., R. I., N. J., Penn., Ohio, Ind., Ill., Io. and Neb.			For Virginia, W. Va., Del., Md., Ky., Mo., Kansas, Col., Utah, Nev. & Cal.							
3d.	9h.	7m.	M.	New Moon	3d.	5h.	53m.	M.		Sun rises.	Sun sets.	Moon rises.	Sun rises.	Sun sets.	Moon rises.					
11	1	51	A.	First Quar.	11	1	57	A.		h. m. h. m. h. m.	h. m. h. m. h. m.	h. m. h. m. h. m.	h. m. h. m. h. m.	h. m. h. m. h. m.	h. m. h. m. h. m.					
18	7	15	A.	Full Moon	18	7	1	A.												
25	10	54	M.	Last Quar.	25	10	40	M.												
D.	D.	Miscellaneous Phenomena.																		
M.	W.																			
1	Tu	Circumcision.		Clear.		☾		7	25	4	44	5	59	4	7	16	4	52	5	48
2	We	Snow in Gulf States, 1877.		but		☾		7	25	4	45	sets		4	7	16	4	53	sets	
3	Th	3d. Bat. of Princeton, 1777.				☾		7	25	4	45	4	52	5	7	17	4	53	5	2
4	Fri	☽☾☽; ☽☾☽; ♀ in ♍. cold.				☾		7	25	4	46	5	52	5	7	17	4	54	6	0
5	Sat	☽☾☽; ♀ in perihelion. Shevat 1.				☾		7	25	4	47	6	56	6	7	17	4	55	7	2
1) 24 Sunday after Christmas.		Venus in Aquarius.					9h. 23m.		Day's length.		9h. 39m.									
6	Su	Epiphany. 7th, Gen. Putnam b. 1718.				☾		7	25	4	48	7	58	6	7	17	4	56	8	2
7	Mo	☽☾☽. Mill. Fillmore b. 1890. Bius.				☾		7	25	4	49	8	58	7	7	16	4	57	9	0
8	Tu	☽☽☽; ☽ in apog. Bat. New Orleans, [1815.				☾		7	25	4	50	9	58	7	7	16	4	58	9	59
9	We	Napoleon III. d. 1873. [1815.				☾		7	24	4	51	10	57	8	7	16	4	59	10	56
10	Th	☽☽☽ inf. [1757.				☾		7	24	4	52	11	58	8	7	16	5	0	11	55
11	Fri	11th. ☽☽☽. A. Hamilton b. [1757.				☾		7	24	4	53	morn		8	7	16	5	1	morn	
12	Sat	☽☽☽. S. P. Chase b. 1808.				☾		7	24	4	54	1	0	9	7	15	5	2	0	54
2) 1st Sunday after Epiphany.		Mars in Pisces.					9h. 32m.		Day's length.		9h. 48m.									
13	Su	☽☽☽. St. Hilary. tering.				☾		7	23	4	55	2	4	9	7	15	5	3	1	57
14	Mo	☽ stationary. Robert Bruce d. 1329.				☾		7	23	4	56	3	13	9	7	15	5	4	3	4
15	Tu	☽ gr. hel. lat. N. E. Everett d. 1863.				☾		7	22	4	58	4	22	10	7	15	5	5	4	11
16	We	☽ at gr. brill. Sir John Moore killed, [1810.				☾		7	22	4	59	5	27	10	7	14	5	6	5	15
17	Th	Franklin b. 1706. [1810.				☾		7	21	5	0	6	25	10	7	14	5	7	6	14
18	Fri	18th. D. Webster b. 1782. Snow				☾		7	21	5	1	rises		11	7	13	5	8	rises	
19	Sat	Gen. Lee b. 1807. north.				☾		7	20	5	2	6	2	11	7	13	5	9	6	8
3) 2d Sunday after Epiphany.		Jupiter in Sagittarius.					9h. 43m.		Day's length.		9h. 58m.									
20	Su	☽☽☽; ☽ in perig. Coldest day, 1838.				☾		7	20	5	3	7	21	11	7	12	5	10	7	25
21	Mo	☽ stat. St. Agnes Day. rain				☾		7	19	5	4	8	38	12	7	12	5	11	8	39
22	Tu	Byron b. 1783. south.				☾		7	19	5	6	9	53	12	7	11	5	12	9	53
23	We	Wm. Pitt d. 1801. Coldest day, 1873.				☾		7	18	5	7	11	8	12	7	11	5	13	11	5
24	Th	☽☽☽. 25th, Burns b. 1739.				☾		7	17	5	8	morn		12	7	10	5	14	morn	
25	Fri	25th. Temp. 50° below, 1857.				☾		7	16	5	9	0	21	13	7	9	5	15	0	16
26	Sat	Dr. Jenner d. 1823. Pleasant.				☾		7	16	5	11	1	34	13	7	9	5	16	1	26
4) 3d Sunday after Epiphany.		Saturn in Aquarius.					9h. 57m.		Day's length.		10h. 10m.									
27	Su	Mozart d. 1756. Audubon d. 1851.				☾		7	15	5	12	2	46	13	7	8	5	18	2	36
28	Mo	Paris surrendered, 1871. Rain				☾		7	14	5	13	3	52	13	7	8	5	19	3	41
29	Tu	T. Paine b. 1739. Swedenborg b. 1688.				☾		7	13	5	14	4	51	13	7	7	5	20	4	39
30	We	☽☽☽. N. P. Banks b. 1816. or sleet.				☾		7	12	5	15	5	41	14	7	6	5	21	5	30
31	Th	☽ stat.; ☽☽☽. Ben Jonson b. 1574.				☾		7	11	5	17	6	22	14	7	5	5	22	6	12

January was named for Janus, the man with two faces, because it looks both ways — on the old year and the new. Modern Januses are found at all times of year.

Clara said: "Augustus, do stop using AYER'S HAIR VIGOR. I don't object to a reasonable quantity of whiskers, but I don't want to marry a buffle robe."

A young mother says you can always tell an old bachelor by his calling the lady "it."

"When I die," said a married man, "I want to go where there is no snow to shovel." His wife said she presumed he would.

How much it costs to get a first premium on a second-class horse!

Both had a cold in the head. Brown said, "Hello, Jones; 'shabby new year!" Jones replied, "Dunks; 'sh'ame to you!" What a pity they didn't use AYER'S CHERRY PECTORAL.

Man is not his body, nor does the body make the man. The living soul exists before the body, and may exist after it. Life is not the result of organization but the cause of it.

The avenging deities are shod with wool; but the wool grows on eyelids that refuse the light.

Let any man gaze closely into his wife's eye, and he will see himself looking exceedingly small.

Figura 2: Primeira página do último almanaque publicado por Ayer.

E a propósito da morte de Ayer, Machado ironiza falando de 'imortalidade' ao afirmar que Ayer era um nome imortal que o próprio autor viu morrer há uma década atrás. Machado já esboça aqui uma ideia que deixará explícita em outra crônica que publicará anos depois: 'a ciência sabe que não pode crer em si mesma'.

Machado usa, primeiramente, a figura da chuva para desmoralizar o conhecimento científico, e logo passa a usar a da morte para enfatizar que este é um destino inevitável até mesmo para os grandes nomes que não apenas aspiravam por imortalidade mas que afirmavam vendê-la em frascos.

Começa então a sua crítica a um remédio que fora muito famoso no Brasil e na Europa até a primeira metade do século XIX: o Xarope de Bosque (Fig.3). Este xarope aparecerá em mais quatro das crônicas que selecionei para a pesquisa até aqui, e Machado sempre se refere a ele com desdém e o usa para demonstrar diversos aspectos negativos da ciência como sua incapacidade de curar tudo e o interesse financeiro que havia por trás da produção de um medicamento, como acontecerá inclusive nesta crônica.

Machado cita aqui a fama do remédio e as curas que lhe eram atribuídas:

Curava tudo: à proporção que os curados iam espalhando que as folhinhas de Ayer só davam chuvas... Perdão, enganei-me; iam espalhando que estavam curados, a fama do xarope ia crescendo e as suas obras eram o objeto das palestras nos ônibus. A fama cresceu, a celebridade acendeu todas as suas luminárias. Juravase pelo Xarope do Bosque como um cristão jura por Nosso Senhor. Contavam-se maravilhas; pessoas mortas voltavam à vida, com uma garrafa debaixo do braço, vazia. (ASSIS, 1997: 49)

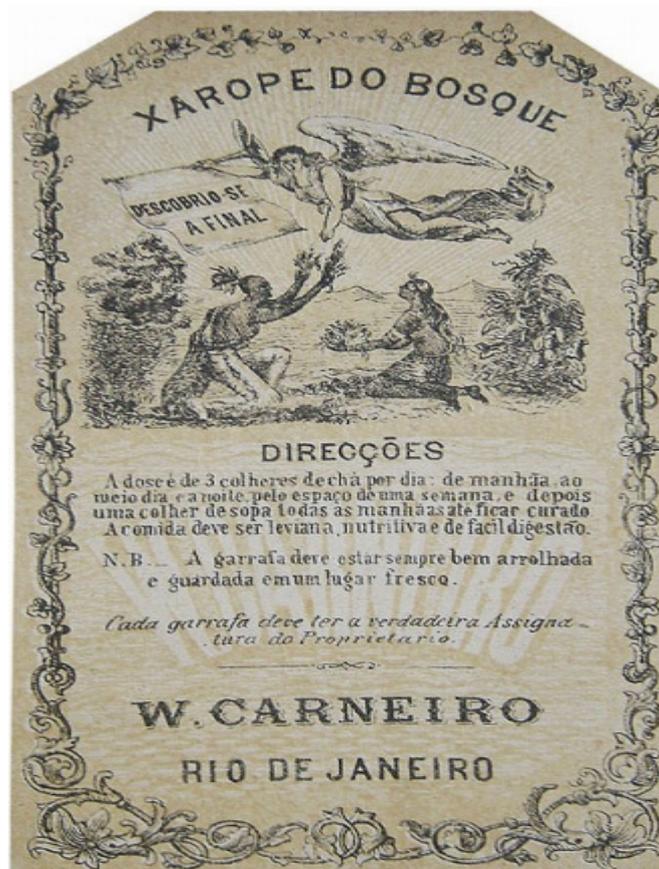


Figura 3: Rótulo do Xarope do Bosque.

A ironia e o exagero são fortes marcas deste relato a respeito da trajetória do Xarope do Bosque, mas a maneira como descreve essas curas estão de fato de acordo com o que era divulgado pelas propagandas de medicamentos por todo o século XIX. E, de fato, os anúncios de medicamentos feitos em jornais no século XIX eram frequentemente exagerados e prometiam verdadeiros milagres, como podemos ver na figura a seguir (Fig. 4).

**ANNUNCIOS**

---

**Dr. J. J. de Sequeira**  
ADVOGADO  
67, Rua Gonçalves Dias, 67

---

**EU ERA ASSIM:**



**E CHEGUEI A FICAR QUASI ASSIM:**



Soffria horrivelmente dos pulmões, mas graças ao milagroso **Xarope Peitoral de Alcatrão e Jatahy**, preparado pelo farmacêutico Honorio do Prado,

**CONSEGUI FICAR ASSIM:**



**COMPLETAMENTE CURADO E BONITO!**

Esse xarope cura **TOSSÉS**, bronchites, asthma e rouquião.

**Vidro..... 1\$500**

DEPOSITOS:

Drogaria Quirino -- S. Pedro 99.  
Drogaria Pacheco & C. -- S. Pedro 150.  
Honorio do Prado -- Lavradio 115.  
Paulo de Freitas -- Ourives 82.

Figura 4: Propaganda de medicamento feita em jornal na segunda metade do século XIX.

Depois de falar dessa primeira fase bem sucedida do xarope, começa a falar de queda até chegar em sua morte:

Chegou ao apogeu. Como todos os impérios e repúblicas deste mundo principiou a decair; era menos buscado, menos nomeado. O rei dos xaropes desceu ao ponto de ser o lacaio dos xaropes e lacaio mal pago; as belas curas, suas nobres aliadas, quando o viram no tão baixo estado, foram levar os seus encantos a outros príncipes. Ele ainda resistiu; reproduzia nos jornais a árvore e a moça, e repetia todos os seus méritos, aqui e fora daqui; mas a queda ia continuando. Pessoas que lhe deviam a vida, não sei por que singular ingratidão, preferiam agora o arsênico, os calomelanos e outras drogas de préstimo limitado. O xarope foi caindo, caindo, caindo até morrer. (ASSIS, 1997: 49)

No último parágrafo da crônica, Machado insinua certo tom melancólico, mas logo veremos que se trata apenas de mais uma de suas ironias. Ao dizer que não pode falar do fim do xarope sem lágrimas, afirma que tal lamento se deve ao fato de não ter aproveitado a ocasião da morte do Xarope do Bosque para ter criado um concorrente. Se tivesse criado um Xarope da Cidade teria ficado rico, afirma.

Nesta passagem fica clara a crítica de Machado em relação aos interesses financeiros por trás da ciência médica, tema também recorrente na crítica machadiana à ciência.

Machado encerra a crônica ainda falando de morte, de queda de grandes impérios e salienta assim que este é de fato o fim inerente de tudo no mundo, nada foi feito para durar eternamente e, logo, assim como tudo mais que existe, a nossa própria existência não poderia durar para sempre por conta de algum remédio miraculoso.

Enquanto a ciência se ocupava da morte para superá-la, Machado a apresenta sob o prisma do imprevisível e insuperável, estando além do poder da ciência suplantá-la. Machado encontrou através da figura da morte uma forma de desqualificar o discurso científico mostrando que dentre todos os seus limites, a morte seria sempre o maior de todos.

### Referências

ASSIS, Machado de. *Bons Dias! & Notas semanais*. São Paulo: Globo, 1997.

ASPERTI, C. M. A vida carioca nos jornais: Gazeta de Notícias e a defesa da crônica. *Contemporânea*, Rio de Janeiro, ed. 7, v.4, n.2, p.46-55, jul./dez. 2006.